

# Formação de Professores para Instrumentalizar o Trabalho com a Educação Financeira em Turmas do Ensino Fundamental - Anos Iniciais

## Teacher Training to Instrumentalize Work with Financial Education in Elementary School Classes - Early Years

Zenar Pedro Schein<sup>\*a</sup> ; Vanessa Möller<sup>a</sup>

<sup>a</sup>Faculdades Integradas de Taquara, RS, Brasil.

\*E-mail: [zenar@faccat.br](mailto:zenar@faccat.br)

---

### Resumo

A Educação Financeira é uma necessidade e, desde a implementação da BNCC e do RCG, tornou-se obrigatória nas escolas, não somente na Matemática, mas de forma interdisciplinar. A inquietude dos pesquisadores sobre como a formação de professores pode auxiliar nesse trabalho em sala de aula fomentou a pesquisa “Formação de professores para instrumentalizar o trabalho com a Educação Financeira em turmas do Ensino Fundamental - Anos Iniciais”, cujo objetivo principal é analisar como a formação de professores pode contribuir para o desenvolvimento do trabalho com a Educação Financeira em turmas do Ensino Fundamental - Anos Iniciais das redes estadual, municipal e privada de um município do Vale do Paranhana/RS/Brasil. Para desenvolver a pesquisa-ação, que se apresenta como qualitativa e exploratória, os pesquisadores entrevistaram, desenvolveram oficina de formação e aplicaram questionário com oito professores que atuam nos Anos Iniciais em escolas das três redes citadas, encontrando como principais resultados: a Educação Financeira é associada apenas ao componente curricular de Matemática, relacionada ao uso e administração do dinheiro; alguns professores trabalham o assunto sem saber que o estão trabalhando; a Educação Financeira costuma ser desenvolvida de forma lúdica, partindo da realidade do aluno, especialmente no bloco de alfabetização, mas pensar novas práticas a partir da articulação de habilidades previstas nos documentos norteadores ainda é um desafio. Por fim, a pesquisa conclui que a formação de professores contribui para o entendimento do assunto e possibilita a reflexão para o desenvolvimento de um bom trabalho em sala de aula envolvendo a Educação Financeira.

**Palavras-chave:** Educação Financeira. Ensino Fundamental. Anos Iniciais.

### Abstract

*Financial Education is a necessity and, since the implementation of the BNCC and RCG, it has become mandatory in schools, not only in Mathematics, but in an interdisciplinary way. The researchers' concern about how teacher training can help in this work in the classroom encouraged the research “Teacher training to equip work with Financial Education in Elementary School classes - Early Years”, whose main objective is to analyze how teacher training can contribute to the development of the work with Financial Education in Elementary School classes - Early Years of state, municipal and private schools in a municipality in Vale do Paranhana/RS/Brazil. To develop the action research, which is presented as qualitative and exploratory, the researchers interviewed, developed a training workshop and applied a questionnaire to eight teachers who work in the Early Years in schools of the three aforementioned schools, finding the following main results: Financial Education is associated only with the curricular component of Mathematics, related to the use and management of money; some teachers work on the subject without knowing that they are working on it; Financial Education is usually developed in a playful way, based on the student's reality, especially in the literacy block, but thinking new practices based on the articulation of skills provided for in the guiding documents is still a challenge. Finally, the research concludes that teacher training contributes to the understanding of the subject and enables reflection for the development of good work in the classroom involving Financial Education.*

**Keywords:** Financial Education. Elementary School. Grade One to Five.

---

### 1 Introdução

Em tempos de ascensão das redes sociais, por meio das quais as pessoas apresentam suas melhores versões, excelentes viagens e roupas de grife, o consumismo tem sido estimulado, de modo que indivíduos têm se endividado em busca da vida perfeita disponível na *internet*.

A partir desta constatação, bem como da experiência docente dos pesquisadores, que compreende a necessidade do trabalho com a Educação Financeira, aliada ao fato de que podem ser percebidas algumas deficiências sobre a temática em diferentes redes de ensino, a presente pesquisa-ação

buscou responder ao seguinte problema de investigação: “Como a formação de professores pode contribuir para o desenvolvimento do trabalho com a Educação Financeira em turmas do Ensino Fundamental - Anos Iniciais das redes estadual, municipal e privada de um município do Vale do Paranhana/RS/Brasil?”.

Para além do problema, a presente pesquisa pretendeu verificar os conhecimentos de professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental das redes estadual, municipal e privada de um município do Vale do Paranhana/RS/Brasil sobre a temática da Educação Financeira na Base Nacional Comum Curricular - BNCC e no Referencial Curricular

Gaúcho [RCG], auxiliar esses professores na compreensão das habilidades<sup>2</sup> referentes à Educação Financeira previstas nos documentos orientadores BNCC e RCG e refletir concomitantemente com os pesquisados sobre as práticas pedagógicas adotadas no que se refere ao trabalho com a Educação Financeira em turmas de Ensino Fundamental - Anos Iniciais.

## 2 Fundamentação Teórica

### 2.1 A educação financeira e a sua importância na vida das pessoas

Antes mesmo de desenvolver um trabalho acerca da Educação Financeira em sala de aula, ou ainda, compreender como a Educação Financeira é trabalhada em diferentes instituições escolares, faz-se necessário e importante compreender tal conceito.

Ao considerar o conceito literal de cada uma das palavras que compõem a expressão Educação Financeira, é possível observar que, de acordo com Ferreira (2008, p.334), educação é o “ato ou efeito de educar(-se); processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral do ser humano”. E financeiro é tudo o que é “relativo a finanças, à circulação e gestão do dinheiro” (Ferreira, 2008, p.407).

Porém, de acordo com os objetivos específicos estabelecidos pela Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF, 2017a), fica evidente que a Educação Financeira não pode ser reduzida ao uso do dinheiro, como mencionado anteriormente:

Educar para consumir e poupar de modo ético e consciente; Ensinar a planejar a curto, médio e longo prazo; Oferecer conceitos e ferramentas para a tomada de decisão autônoma, baseada numa mudança de atitude; Prover fatos e dados e os conhecimentos específicos para tornar as pessoas atentas a oportunidades e escolhas financeiras, bem como as suas consequências (ENEF, 2017a, p.18).

Sob o ponto de vista de que a Educação Financeira está intimamente ligada ao cotidiano dos indivíduos, ela pode ser observada a partir dos aspectos tempo, que são os impactos das ações individuais sobre as coletivas e vice-versa, e espaço, compreendidas como as tomadas de decisão do presente que impactam no futuro (ENEF, 2017b).

Observa-se, então, que a Educação Financeira não é apenas o reconhecimento de cédulas, bem como cálculos envolvendo o sistema monetário, ela está relacionada ao valor do dinheiro, ao consumo e ao gerenciamento consciente dos recursos disponíveis e à capacidade de viver em sociedade.

Ao encontro do que afirma o Banco Central do Brasil (BCB, 2018), a Associação de Educação Financeira do Brasil (AEF, 2017) reforça que a temática é importante, uma vez que, por meio da Educação Financeira, os indivíduos passam a administrar o seu dinheiro de forma consciente,

pensando antes de utilizá-lo.

A educação financeira trabalha o comportamento da pessoa, do equilíbrio entre o ser e o ter, buscando autonomia e controle do dinheiro que entra e do que sai, com o intuito de buscar a sua sustentabilidade financeira. Desse modo, quando há a educação financeira na vida das pessoas e se tem consciência da utilização do seu dinheiro e de sua organização, consequentemente, tem-se mais clareza na tomada de decisões (Schein & Bento, 2024, pp. 162-163).

Mas a Educação Financeira não se constrói da noite para o dia. Faz-se necessário trabalhá-la desde muito cedo. De acordo com Meneghetti (2014) é importante falar sobre o assunto já com as crianças, considerando um erro não ensiná-las a lidar com o dinheiro desde muito pequenas, podendo levá-las à crença de que utilidades do cotidiano, como a energia elétrica, o telefone e a televisão são obras divinas.

Nesse íterim, Leffler, Souza e Souza (2021, p.509) afirmam que a Educação Financeira deve “ser precoce, ou seja, estar presente desde os primeiros anos de vida estudantil, sob pena de incorrer em sérias limitações quando tardiamente ofertada na fase adulta, quando se torna mais difícil a mudança de hábitos e atitudes financeiramente sustentáveis”.

Meneghetti (2014) também indica que a questão sobre a Educação Financeira deve continuar com os adolescentes, visto que considera necessário mudar o pensamento dos jovens em relação ao seu envolvimento com a economia, além de fazer com que controlem os seus gastos e pensem em fazer uma poupança para eventos futuros, de modo que compreendam tais ações o mais cedo possível.

Corroborando com as ideias já apresentadas, a Educação Financeira torna-se essencial, uma vez que “procura oportunizar à humanidade suporte de conhecimento desenvolvendo habilidades e competências necessárias sobre as decisões envolvendo a vida financeira no decorrer de sua existência” (Schein, 2017, p.3).

Considerando as propostas citadas, a Educação Financeira torna-se importante na vida das pessoas, pois, por meio dela, é possível compreender ações como o gerenciamento dos recursos, que passa a acontecer de forma equilibrada, gastando-se menos do que se ganha e refletindo sobre as reais demandas do dia a dia.

### 2.2 A Educação Financeira nos documentos norteadores da Base Nacional Comum Curricular e do Referencial Curricular Gaúcho

Na BNCC, para além das aprendizagens de números e cálculos, a Matemática está intimamente ligada ao cotidiano das pessoas, “seja por sua grande aplicação na sociedade contemporânea, seja pelas suas potencialidades na formação de cidadãos críticos, cientes de suas responsabilidades sociais” (Brasil, 2018, p. 265). A Educação Financeira pode

---

1 No documento BNCC, “As habilidades expressam as aprendizagens essenciais que devem ser asseguradas aos alunos nos diferentes contextos escolares” (Brasil, 2018, p. 29).

ser considerada uma dessas temáticas que contribuem para o desenvolvimento integral dos sujeitos.

Embora a questão da Educação Financeira apareça na unidade temática Números, o documento sugere, alinhado às orientações do BCB (2018), um trabalho interdisciplinar<sup>2</sup> que abranja “dimensões culturais, sociais, políticas e psicológicas, além da econômica, sobre as questões do consumo, trabalho e dinheiro”. Logo, o assunto pode ser desenvolvido, principalmente, mas não exclusivamente, no componente curricular de Matemática, quando orienta sobre “o estudo de conceitos básicos de economia e finanças, visando à Educação Financeira dos alunos (...) podem ser discutidos assuntos como taxas de juros, inflação, aplicações financeiras (...) e impostos” (Brasil, 2018, p. 269).

A partir da BNCC (Brasil, 2018), o estado do Rio Grande do Sul/Brasil, no qual está localizado o Vale do Paranhana, organizou o seu próprio documento norteador chamado RCG. Seguindo a perspectiva do documento nacional, o RCG (Rio Grande do Sul, 2018a, 2018b, 2018c, 2018d) aprofundou habilidades previstas na BNCC (Brasil, 2018), de modo a trazer o documento ao encontro da realidade do estado gaúcho.

Nesse documento, no que se refere ao campo da Matemática e, mais especificamente à Educação Financeira, objeto de estudo da presente pesquisa, o mesmo destaca que as formas de organização da aprendizagem Matemática se relacionam à análise de situações do cotidiano por meio da articulação da Matemática com outras áreas do conhecimento, de modo que os estudantes desenvolvam competências para resolver problemas de diversas ordens, dentre elas, os relacionados à economia (Rio Grande do Sul, 2018d).

Pensando o Ensino Fundamental - Anos Iniciais nas habilidades previstas na BNCC (Brasil, 2018) e no RCG (Rio Grande do Sul, 2018d) para o componente curricular de Matemática, é possível perceber que a Educação Financeira aparece em habilidades de todos os anos dessa etapa da Educação Básica no referido componente curricular, sendo que a cada ano escolar o nível de compreensão e aplicação da temática vai sendo aprofundada, seguindo uma crescente de acordo com a idade atendida em cada ano escolar.

Para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, enquanto na BNCC (Brasil, 2018) as habilidades relacionadas ao assunto restringem-se ao uso de conceitos matemáticos relacionados ao sistema monetário, o RCG (Rio Grande do Sul, 2018d) amplia essas possibilidades, sugerindo reflexões acerca do uso responsável do dinheiro, das necessidades do dia a dia, de situações de compra, venda, lucro, prejuízo,

desconto e acréscimo e suas relações com o consumismo.

Uma vez que há a indicação de que a Educação Financeira seja pensada de forma interdisciplinar, a mesma pode ser constatada em habilidades nos componentes curriculares de Ciências, Geografia, História e Língua Portuguesa, e não apenas em Matemática.

Em Ciências, a questão da Educação Financeira é mencionada apenas no Primeiro e no Quinto Ano do Ensino Fundamental. Ao analisar tal componente curricular, no primeiro ano escolar citado, a temática mostra-se melhor contemplada na BNCC (Brasil, 2018) se comparada ao que diz o RCG (Rio Grande do Sul, 2018a). Entretanto, o mesmo não ocorre com o Quinto Ano, pois ambos os documentos se complementam, uma vez que, tanto a BNCC (Brasil, 2018) quanto o RCG (Rio Grande do Sul, 2018a), mencionam as questões de consumo e o gerenciamento de recursos (sejam eles de ordem financeira ou natural).

Depois da Matemática, Geografia é o componente curricular que mais menciona a Educação Financeira em suas habilidades. De uma forma geral, ambos os documentos se encontram alinhados.

Enquanto a BNCC (Brasil, 2018) traz com expressividade as questões relacionadas ao trabalho, suas características e mudanças com o apoio da tecnologia, o RCG (Rio Grande do Sul, 2018b) se preocupa também com a forma como impactam na vida em sociedade.

Dois aspectos merecem especial destaque: o primeiro deles é a menção que a BNCC (Brasil, 2018) faz sobre o consumo e a produção do lixo, ampliando, no RCG (Rio Grande do Sul, 2018b), para a necessidade de refletir sobre a importância da Educação Ambiental, quando menciona os 5 R's (repensar, reduzir, recusar, reutilizar e reciclar); o segundo deles, encontra-se especificamente na habilidade de código alfanumérico EF05GE03<sup>3</sup> (Quinto Ano) presente na BNCC (Brasil, 2018), que fala sobre as mudanças sociais e econômicas estimuladas pelo crescimento das cidades, enquanto o RCG (Rio Grande do Sul, 2018b) não apresenta habilidade correspondente.

O componente curricular de História, assim como o de Geografia, aborda questões relacionadas ao mundo do trabalho. Se por um lado a BNCC (Brasil, 2018) foca nas atividades econômicas em si, suas características em diferentes espaços e tempos e as questões de circulação de produtos, o RCG (Rio Grande do Sul, 2018b) aprimora tais habilidades, explorando e relacionando esse assunto com a vida em sociedade e as mudanças ocorridas em diferentes meios por influência do trabalho, perpassando questões de sustentabilidade, valorização do emprego e história do

2 Esclarece Fazenda (2015, p. 14): “A interdisciplinaridade tem uma dimensão complexa e interligada de diferentes componentes e de diferentes regulamentações. Sua transmissão é apenas parte de um conteúdo disciplinar pré-determinado, porém amplia-se numa dimensão planetária de mundo em que os estudos encontram-se sempre numa dimensão de esboços inacabados de um design de projeto que se altera em seu desenvolvimento ao tocar o Humano”.

3 Código alfanumérico da BNCC referente a habilidade: Identificar as formas e funções das cidades e analisar as mudanças sociais, econômicas e ambientais provocadas pelo seu crescimento.

comércio.

Em Língua Portuguesa, tanto na BNCC (Brasil, 2018) quanto no RCG (Rio Grande do Sul, 2018c), apenas uma habilidade faz menção à Educação Financeira, no Quarto Ano. Em linhas gerais, elas abordam a leitura e a interpretação de boletos, faturas e carnês, reconhecendo sua função comunicativa e comparando-os com outros gêneros textuais.

Se por um lado no componente curricular de Matemática a Educação Financeira aparece em todos os anos do Ensino Fundamental - Anos Iniciais, o mesmo não ocorre nos demais componentes curriculares apresentados anteriormente. Embora a interdisciplinaridade se faça presente no que tange à temática da Educação Financeira por meio dos componentes curriculares de Ciências, Geografia, História e Língua Portuguesa, o assunto não é mencionado nos referidos componentes curriculares de todos os anos escolares analisados.

### **2.3 O trabalho escolar articulado à realidade do aluno e a formação de professores**

Há uma vertente, aceita e simpatizada por educadores, de que a aprendizagem ocorre com maior significado se a mesma partir da realidade do aluno. Freire (1996) faz um alerta sobre a necessidade da reflexão acerca da temática quando afirma que se houvesse a percepção de que foi aprendendo que os professores souberam ensinar, ficaria mais evidente que há de se considerar as experiências informais dos indivíduos.

Nessa mesma perspectiva, Schein (2004, p.33) afirma sobre a importância em reconhecer que as pessoas possuem conhecimentos prévios sobre determinados assuntos e que eles servirão de base para a construção de novas aprendizagens, pois “o aluno não é considerado um ser em branco, com uma mente vazia, desprovida de teoria e de conhecimento”.

Contudo são considerados alguns benefícios na construção de conhecimentos se eles estiverem articulados ao cotidiano do educando, dentre eles, que levar em consideração o conhecimento prévio do aluno pode ser um ponto de partida para alcançar os saberes escolares, levando-o à construção de novas aprendizagens (Schein, 2004).

Ainda de acordo com Schein (2004), aulas pensadas com a proposição de um professor mediador, cujas atividades sejam planejadas a partir dos conhecimentos prévios do estudante, podem fazer com que partam do que já sabem rumo a novos conhecimentos.

Nesse sentido, segundo Dias e Olgin (2019), uma proposta baseada na realidade do aluno se torna importante por dois motivos: o primeiro deles está no fato de que os estudantes já têm experiências de sua própria realidade, e o segundo abarca no diálogo entre professor e aluno, de modo que o professor não imponha assuntos, mas encontre aqueles que sejam relevantes para seus estudantes.

Para Freire (1996), o professor não é o detentor de todo

o saber, ao contrário, faz-se necessário que esteja atento ao que os educandos trazem e questionam. Para isso, é importante que o professor compreenda que ensinar não é a mera transmissão de conhecimento, mas oportunizar que os alunos aprendam por meio de sua produção, estando o educador atento para as perguntas e para a curiosidade estudantil.

Conforme os autores citados, há de se considerar a importância de realizar um trabalho em sala de aula que seja articulado à realidade e às vivências dos educandos, visto que os benefícios dessa prática podem ser observados por aqueles professores que o praticam.

Nessa perspectiva, pode-se refletir sobre a temática da formação continuada de professores e como ela vem se constituindo ao longo dos anos, compreendendo como ela contribui para o trabalho desenvolvido em sala de aula.

No âmbito nacional, a Resolução CNE/CP nº 2, de 20 de dezembro de 2019 (BNC - Formação) detalha sobre a necessidade de formação continuada por meio do artigo 6º, incisos VII e VIII, estabelecendo-a como princípio relevante para a formação de professores da Educação Básica:

VII - a articulação entre a formação inicial e a formação continuada; VIII - a formação continuada que deve ser entendida como componente essencial para a profissionalização docente, devendo integrar-se ao cotidiano da instituição educativa e considerar os diferentes saberes e a experiência docente, bem como o projeto pedagógico da instituição de Educação Básica na qual atua o docente (Resolução CNE/CP nº 2, 2019, p. 3).

Assim, de tempos em tempos surgem novos estudos, novas metodologias que visam colaborar com a aprendizagem dos alunos ao chegarem aos educandários, ou seja, a formação constante do professor pode ir ao encontro dessas necessidades. É correto, então, afirmar que “em educação, a profissionalização pode ser definida, em grande parte, como uma tentativa de reformular e renovar os fundamentos epistemológicos do ofício de professor e de educador, assim como da formação para o magistério” (Tardif, 2014, p. 250).

Essa formação continuada pode ocorrer por meio da participação do professor em congressos, oficinas e cursos que vão ao encontro da temática aqui discutida.

Nessa perspectiva, há uma reflexão sobre como a formação de professores vem ocorrendo ao longo dos tempos. Para Tardif (2014, p. 227) “essa questão está ligada à da profissionalização do ensino e aos esforços feitos pelos pesquisadores no sentido de definir a natureza dos conhecimentos profissionais que servem de base para o magistério.”

Sobre a necessidade de mudanças também na formação de professores, na qual esses profissionais podem se tornar protagonistas e não meros receptores de teorias e métodos, é proposto que aos docentes seja permitida maior participação, para juntos, pensarem mudanças na educação da infância e da adolescência, promovendo assim, comportamento mais autônomo entre os docentes (Imbernón, 2009).

Por meio de ações propostas é possível vislumbrar um novo cenário para a formação de professores, na qual a capacidade do professorado não se acaba na formação técnica, mas alcança novas possibilidades quando pensada de forma mais prática, levando os sujeitos a refletirem sobre a sua prática, promovendo a análise e a autoavaliação do que é realizado em sala de aula (Imbernón, 2009).

Novas propostas acerca da formação de professores impactam os mesmos a partir da reflexão sobre suas próprias práticas. Assim também, das trocas entre pares, novas experiências nos espaços escolares surgem, levando em consideração as necessidades dos educandos e a maneira como aprendem.

### 3 Material e Métodos

A presente pesquisa, cujo objetivo é compreender como a formação de professores pode contribuir para o desenvolvimento do trabalho com a Educação Financeira em turmas do Ensino Fundamental - Anos Iniciais nas redes estadual, municipal e privada de um município do Vale do Paranhana/RS/Brasil, apresentou-se como qualitativa (Minayo, 2016) e de cunho exploratório (Gil, 2009). Também pesquisa-ação, visto que “é um tipo de pesquisa social com base empírica no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo” (Thiollent, 1992, p.14), ao participarem de forma ativa, especialmente na etapa da aplicação das oficinas.

A produção de dados ocorreu em três diferentes etapas, sendo elas: entrevistas, oficina de formação de professores e questionário.

A primeira delas correspondeu a entrevistas (Gil, 2009), cujo objetivo foi compreender o que os professores do Ensino Fundamental - Anos Iniciais das redes estadual, municipal e privada de um município do Vale do Paranhana/RS/Brasil conhecem sobre a temática da Educação Financeira. As entrevistas, compostas por cinco questões, foram realizadas com os docentes pesquisados antes da oficina, em formato presencial e gravadas para posterior transcrição. Mantendo o sigilo a que os pesquisados têm direito, os mesmos foram identificados como Professor A, Professor B e assim sucessivamente.

A segunda etapa foi o desenvolvimento de uma oficina (Pelissari & Andreis, 2019) para a formação de professores acerca da Educação Financeira. As oficinas de formação de professores, de autoria exclusiva dos pesquisadores, ocorreram em três momentos diferentes, visto que foram três as escolas participantes da pesquisa, sendo uma de cada rede (estadual, municipal e privada) atendendo à Resolução nº 2 (2019), que retrata a necessidade de o professor se manter em constante atualização por meio de formações continuadas.

Todas as oficinas ocorreram em formato presencial nas respectivas escolas, sendo duas no turno da noite, de modo

a não interferir no calendário de ambas as instituições de ensino, e uma no turno da tarde, dentro do calendário de formações da rede estadual de educação. Foram identificadas como Oficina 1, na qual participaram dois professores, Oficina 2, que contou com a presença de três participantes, e Oficina 3, na qual participaram três professores. As oficinas contaram com registros fotográficos que preservaram a identidade dos participantes, além da observação direta dos pesquisadores.

A terceira e última etapa da coleta de dados foi a aplicação de um questionário (Gil, 2009) após a realização da oficina. O questionário, composto por nove perguntas, foi aplicado ao final das oficinas de formação de professores por meio da ferramenta *Google* Formulários.

### 4 Resultados e Discussão

#### 4.1 Entrevistas com professores

As entrevistas, primeira etapa da coleta de dados, iniciou com o seguinte questionamento: “O que você entende por Educação Financeira?”. Seu objetivo foi compreender qual o entendimento dos entrevistados acerca da temática, constatando que, de forma geral, todos os professores entrevistados relacionam a Educação Financeira ao componente curricular de Matemática, bem como ao uso do dinheiro, fazendo relação com o sistema monetário brasileiro, organização do orçamento, gerenciamento de gastos e planejamento para o futuro. Tais afirmações vêm ao encontro das proposições do BCB (2018), uma vez que o mesmo entende que é por meio da Educação Financeira que as pessoas têm a possibilidade de realizar escolhas conscientes no que se refere ao uso do dinheiro.

Em contrapartida, o Professor D atingiu um entendimento mais amplo sobre o assunto, quando afirma que “poupar dinheiro não é só *hã* [sic] pegar o dinheiro e botar na poupança, é ver onde que a gente [sic] pode economizar em questão de geladeira aberta, água que a gente gasta demais no chuveiro”, estando de acordo com as orientações da BNCC, atingindo a “compreensão do sistema monetário contemporâneo nacional e mundial, imprescindíveis para uma inserção crítica e consciente no mundo atual” (Brasil, 2018, p. 568), resgatando, assim, o lugar do indivíduo na sociedade e as diversas transformações no mundo globalizado.

Para responder ao segundo questionamento, que se refere à contemplação da Educação Financeira nos documentos norteadores da BNCC e do RCG, apresenta-se o quadro 1, que faz o comparativo entre as habilidades de ambos os documentos e as respostas dos professores sobre quais delas possam desenvolver em suas turmas de atuação para o componente curricular de Matemática.

**Quadro 1 - Respostas dos professores sobre as habilidades de Educação Financeira**

Ano	Habilidades na BNCC	Habilidades no RCG	Respostas dos Professores
Primeiro	(EF01MA19) Reconhecer e relacionar valores de moedas e cédulas do sistema monetário brasileiro para resolver situações simples do cotidiano do estudante.	(EF01MA19RS-1) Observar, explorar e nomear as moedas e cédulas do sistema monetário brasileiro em situações cotidianas. (EF01MA19RS-2) Explorar e realizar trocas entre as moedas e cédulas do sistema monetário brasileiro, analisando as diferentes possibilidades de troca para um mesmo valor em situações cotidianas. (EF01MA19RS-3) Agir e tomar decisões com responsabilidade quanto ao uso do dinheiro em situações cotidianas.	Professor F: Reconhecimento do número nas moedas para posterior trabalho com cédulas e o que se pode fazer com esse dinheiro.
Segundo	(EF02MA20) Estabelecer a equivalência de valores entre moedas e cédulas do sistema monetário brasileiro para resolver situações cotidianas.	(EF02MA20RS-1) Analisar e discutir as trocas entre moedas e cédulas do sistema monetário brasileiro, explorando quantas de menor valor são necessárias para trocar por outra de maior valor. (EF02MA20RS-2) Utilizar as trocas na resolução de situações cotidianas envolvendo compra, venda e troco. (EF02MA20RS-3) Discutir e reconhecer o valor do dinheiro, ressignificando hábitos, atitudes, valores e traçando prioridades, planejamento e orçamento em situações do cotidiano do estudante.	Professor A: História do dinheiro no mundo, reconhecimento do dinheiro no Brasil e como “lidar” com ele, e equivalência entre cédulas e moedas em situações de compra e venda.
			Professor C: Sistema monetário brasileiro, mas sem explicar o que as habilidades previstas pretendem desenvolver.
			Professor G: Habilidade de código alfanumérico EF02MA20.
Terceiro	(EF03MA24) Resolver e elaborar problemas que envolvam a comparação e a equivalência de valores monetários do sistema brasileiro em situações de compra, venda e troca.	(EF03MA24RS-1) Explorar e expressar as trocas e comparações entre cédulas e moedas do sistema monetário brasileiro, aplicando-as na resolução de problemas.	Professor B: Situações-problemas que envolvam a comparação e equivalência de valores do sistema monetário brasileiro e situações de compra e venda.
Quarto	(EF04MA10) Reconhecer que as regras do sistema de numeração decimal podem ser estendidas para a representação decimal de um número racional e relacionar décimos e centésimos com a representação do sistema monetário brasileiro. (EF04MA25) Resolver e elaborar problemas que envolvam situações de compra e venda e formas de pagamento, utilizando termos como troco e desconto, enfatizando o consumo ético, consciente e responsável.	(EF04MA10RS-1) Observar, explorar e perceber as relações entre o sistema de numeração decimal e a representação decimal de um número com apoio de material manipulável. (EF04MA10RS-2) Explorar e reconhecer, em situações diversas, o conceito de décimo e centésimo associando com a representação do sistema monetário brasileiro. (EF04MA25RS-1) Explorar, compreender e sintetizar conclusões sobre situações cotidianas que envolvam compra, venda, troco e desconto, percebendo diferentes formas de pagamento e identificando as mais vantajosas. (EF04MA25RS-2) Agir de forma ética, consciente e responsável em situações de consumo.	Professor D: Trabalhar o dinheiro com os alunos.
Quinto	(EF05MA06) Associar as representações 10%, 25%, 50%, 75% e 100% respectivamente à décima parte, quarta parte, metade, três quartos e um inteiro, para calcular porcentagens, utilizando estratégias pessoais, cálculo mental e calculadora, em contextos de educação financeira, entre outros.	(EF05MA06RS-1) Associar e transformar as porcentagens 10%, 25%, 50% e 75%, 100% em frações centesimais e simplificá-las para demonstrar que são partes de um todo, utilizando o cálculo mental e algoritmos. (EF05MA06RS-2) Resolver e comparar porcentagens relacionadas à ideia de décima parte, quarta parte, metade, três quartos e um inteiro, utilizando diferentes estratégias de resolução, em problemas característicos de lucro, prejuízo, desconto ou acréscimo.	Professor E: Não soube citar.
			Professor H: Porcentagem, situações de compra e venda, prejuízo e lucro e reflexões sobre a compra à vista e a prazo.

Fonte: dados da pesquisa

A partir do Quadro 1, fica claro que, por parte dos professores pesquisados, existem incertezas sobre o que trabalhar na temática da Educação Financeira nas turmas de Ensino Fundamental - Anos Iniciais. Enquanto alguns docentes estão alinhados com as propostas de Educação Financeira em relação ao que dizem os documentos, outros arriscam palpites e alguns sequer conseguem explicitar o que deveria ser trabalhado nas turmas nas quais atuam.

No que se refere ao entendimento dos professores entrevistados sobre a abordagem dos documentos norteadores a respeito da Educação Financeira, temática da pergunta três, não há consenso sobre a suficiência ou não do que vem sendo proposto nos mesmos: dos oito professores entrevistados, cinco acreditam que é suficiente e três consideram que não. Enquanto o Professor A diz que “para o meu ano, eu acho adequado, porque eles têm maturidade para compreender, para assimilar”; o Professor B acredita que a temática sequer é abordada nos documentos citados: “a BNCC poderia abordar mais esse conteúdo, tão útil para todos, pois ao incluir a Educação Financeira no currículo básico, proporcionaria muito mais do que conhecimentos e habilidades, enriqueceria o ensino e futuramente a gente teria um retorno importante: crianças (adultos) que saberiam lidar melhor com o dinheiro e as finanças”.

Em contrapartida, o Professor H acredita ser necessário ter um componente específico para a Educação Financeira, contrariando o BCB (2018), que teve forte influência na abordagem da Educação Financeira na BNCC (Brasil, 2018) e que afirma que no componente curricular de Matemática é importante que sejam trabalhados conceitos fundamentais relacionados às questões econômicas, com o objetivo de educar financeiramente os estudantes, mas esclarece que tal temática não deve se restringir a este componente curricular, podendo ser trabalhada de forma transversal por professores de outras áreas do conhecimento. “A Educação Financeira não necessita ser trabalhada individualmente na escola, ela pode ser interdisciplinar, envolvendo as diversas áreas do conhecimento” (Schein, 2017, p.3).

Quando questionados, por meio da quarta pergunta, no que se refere às orientações recebidas em suas respectivas redes de ensino sobre como deve ocorrer o trabalho com a Educação Financeira, é unânime que todos abordam o que determinam as matrizes curriculares ou os projetos prontos adotados por suas redes, mas que não houve formação ou orientação específica sobre o assunto. Aqui se percebe que a formação continuada docente se torna fundamental para atingir o sucesso em reformas na educação (Imberón, 2009).

O questionamento número cinco, “Como você trabalha a Educação Financeira em sua sala de aula?” apontou que os professores das três redes procuram trabalhar com a Educação Financeira a partir do lúdico, partindo da realidade dos alunos, principalmente no ciclo de alfabetização. Tal articulação foi expressa pelo Professor C, quando relata que “eles começaram a usar o dinheirinho de brincadeira para comprar e vender para

os colegas, receber troco, essas situações do dia a dia”. Aqui é possível visualizar a proposta de Freire (1996), que defende a importância de se considerar as vivências do aluno quando lança questionamentos acerca da discussão da realidade do mesmo, associando-a àquilo que está sendo trabalhado em sala de aula, sugerindo ainda, uma articulação entre os saberes escolares e as experiências sociais a que estão submetidos.

De forma geral, os professores da rede privada demonstraram ter mais domínio sobre a temática da Educação Financeira, enquanto aqueles da rede estadual apresentaram insegurança ao conversar sobre o assunto. Já os profissionais da rede municipal foram os que procuraram embasar suas respostas com exemplos de sua prática pedagógica.

## 4.2 Oficinas com os docentes

As oficinas, segunda etapa da coleta de dados, foram planejadas para que os professores pudessem ser ativos, promovendo a troca entre pares e a ação sobre o objeto de estudo. Tardif (2014, p.243) afirma que “se quisermos que os professores sejam sujeitos do conhecimento, precisaremos dar-lhes tempo e espaço para que possam agir como atores autônomos de suas próprias práticas e como sujeitos competentes de sua própria profissão”.

Logo de início, os professores foram acolhidos com um cartão de boas-vindas e uma moeda de chocolate, remetendo à temática da Educação Financeira.

Como atividade inicial, foram convidados a refletir sobre o assunto da oficina com a construção de uma chuva de ideias, em que, com a ferramenta *Mentimeter*, deveriam colocar palavras-chave que remetessem ao conceito de Educação Financeira. Em todas as oficinas as palavras que mais se destacaram foram aquelas relacionadas ao dinheiro, à organização de finanças e à economia. Surgiram palavras como sustentabilidade, porém de forma muito discreta, levando ao entendimento de que grande parte dos docentes tem um conhecimento mais raso sobre o tema.

Quando apresentados conceitos sobre a Educação Financeira, na perspectiva dos documentos BNCC, RCG e ENEF e o que abordam em seus conceitos, o momento em questão causou uma certa surpresa aos participantes das três oficinas, visto que se viram confrontados com aquilo em que acreditam, especialmente porque aqui foi possível visualizar que a Educação Financeira não se resume ao dinheiro.

Uma fala que se destacou em meio à aplicação da atividade ocorreu na Oficina 1, quando o Professor A externou surpresa com a existência da ENEF (2017b) que aborda questões como consumo ético e consciente, planejamento a curto, médio e longo prazo, tomada de decisão com autonomia e o acesso a oportunidades e escolhas financeiras, solicitando, inclusive, mais materiais para poder subsidiar seu trabalho em sala de aula. Já o Professor H demonstrou preocupação com o assunto, uma vez que em sua formação, tanto na Educação Básica quanto na Graduação, não foi preparado para trabalhar com o assunto, trazendo uma inquietude já manifestada por

Imbernón (2009, p.12):

Por saber como (tanto na formação inicial e mais na permanente), de que modo, com quais pressupostos, com que modelos, quais modalidades formativas podem gerar maior inovação e, sobretudo, a consciência de que o que pretendemos saber deve ser revisto e atualizado à luz dos tempos atuais, trata-se de uma preocupação bem mais recente.

Após relembra a estrutura do código alfanumérico da BNCC e do RCG, os professores foram convidados a classificar habilidades de ambos os documentos, respeitando os critérios de ano escolar e componente curricular: isso foi realizado com as habilidades impressas e recortadas individualmente e painéis em papel *kraft*, separados por ano escolar, nos quais elas eram coladas seguindo os critérios estabelecidos. Nas três oficinas, os docentes pesquisados não encontraram dificuldade em realizar a atividade proposta. Conforme finalizavam a classificação, os painéis eram fixados na parede de modo que o material produzido ficasse exposto para o momento seguinte.

Com a classificação concluída, os profissionais de todas as oficinas se surpreenderam em como a Educação Financeira contempla muitos outros componentes curriculares que não apenas a Matemática, ou seja, que a temática permite aos sujeitos escolhas financeiras assertivas que, inclusive, impactam na sustentabilidade, tendo em vista que o assunto envolve questões de gerenciamento de recursos de uma forma geral (AEF, 2017). O Professor E, da Oficina 2, manifestou que após a reflexão realizada compreendeu o porquê ao escolher um projeto do Aprender Valor (2019), programa do BCB (2018), em parceria com o Fundo de Defesa de Direitos Difusos, do Ministério da Justiça, que tem por objetivo ensinar a Educação Financeira para alunos do Ensino Fundamental das escolas públicas do Brasil, adotado por sua rede de ensino, o mesmo ser de Geografia e não da Matemática, sendo uma clara referência às habilidades previstas para o componente curricular de Geografia.

Na Oficina 3, foi senso comum entre os participantes, que a partir da classificação das habilidades por componente curricular, foi possível perceber que já desenvolvem a Educação Financeira em suas salas de aula sem saberem que de fato já a estavam trabalhando, indicando aqui a falta de intencionalidade no trabalho que tem sido desenvolvido. Enquanto isso, na Oficina 1 os docentes se mostraram admirados com a quantidade de habilidades relacionadas à Educação Financeira previstas em Geografia.

Dando sequência às atividades das oficinas, os participantes exploraram os materiais trazidos pelos pesquisadores (livros e jogos). Esse, sem dúvida, foi o momento de maior descontração, quando examinaram livros e conheceram histórias, além de relacionar jogos já conhecidos do mercado infantil com a Educação Financeira.

Na Oficina 1 os professores exploraram com atenção especialmente os livros de literatura infantil, solicitando a opinião dos pesquisadores acerca de quais eram mais indicados e com maior qualidade para utilizar em sala de aula. Na Oficina 2, os educadores dedicaram maior tempo à exploração de jogos, sendo notável a relação que faziam dos mesmos com as vivências de suas próprias infâncias. Na Oficina 3 os professores fizeram exploração geral dos materiais, porém de forma mais tímida.

Após, foi proposto que os participantes se organizassem em duplas, com o objetivo de planejar uma aula sobre a Educação Financeira, levando em consideração as aprendizagens construídas até ali sobre o assunto, bem como, utilizando como referência os materiais como livros e jogos conhecidos anteriormente, caso assim desejassem, levando-os à consciência de que:

Educação Financeira na escola é importante porque o envolvimento do aluno nesse processo educativo torna-o participante ativo da sua própria história de vida, tendo a competência necessária para planejar o que deseja para si num futuro não muito distante, articulando conhecimentos escolares com aqueles com que convive no cotidiano (Schein, 2017, p. 7).

Os dois professores da Oficina 1, após escolherem realizar planejamento para uma turma de Segundo Ano e elencar a habilidade de código alfanumérico EF02MA20RS-3 (RS, 2018d)<sup>4</sup>, dirigiram sua atenção para os materiais disponíveis na Oficina, utilizando-se do livro “Dinheiro compra tudo”, da autora Cássia D’Aquino, nas páginas que ensinam como realizar um orçamento.

Planejaram uma aula na qual os alunos precisariam organizar os gastos semanais em preciso e quero, de modo a promover a reflexão sobre o gasto de suas mesadas, situação corriqueira entre os alunos da escola na qual atuam. Demonstraram, assim, total compreensão da habilidade escolhida e apresentaram planejamento coeso e criativo.

As trocas entre os professores participantes e os pesquisadores foram acontecendo durante o desenvolvimento da própria atividade, o que possibilitou trocas significativas entre todos os presentes.

Na Oficina 2, os professores se organizaram em uma dupla, enquanto um professor realizou a atividade de maneira individual, visto que eram três os participantes dela. A dupla de professores desenvolveu seu planejamento para uma turma de Segundo Ano e, a partir da escolha da habilidade de código alfanumérico EF02MA20RS-2 (RS, 2018d)<sup>5</sup>, pensaram em uma aula sem utilizar o material disponível.

Foi possível perceber que, em vez de pensar uma nova estratégia pedagógica, utilizaram-se de atividades já desenvolvidas por uma professora da dupla em sala de aula.

O professor que trabalhou individualmente escolheu

4 Código alfanumérico do RCG referente à habilidade: Discutir e reconhecer o valor do dinheiro ressignificando hábitos, atitudes, valores e traçando prioridades, planejamento e orçamento em situações do cotidiano do estudante.

5 Código alfanumérico do RCG referente à habilidade: Utilizar as trocas na resolução de situações cotidianas envolvendo compra, venda e troca.

uma turma de quarto ano, usando a habilidade de código alfanumérico EF04HI06RS-2 (RS, 2018)<sup>6</sup>. Apesar de procurar pensar novas formas de trabalhar a Educação Financeira em sala de aula, apresentou certa dificuldade em interpretar a habilidade escolhida e, em vez de planejar sobre a evolução do comércio, partindo do escambo, por exemplo, pensou uma aula voltada para a pesquisa de valores de determinados produtos em tempo passado, comparando-os com valores atuais, de modo a compreender como era e como é o poder de compra dos brasileiros.

O fato mais curioso aconteceu na Oficina 3, na qual os professores solicitaram fazer planejamentos com a participação de todo o grupo para os anos escolares da etapa, em vez de trabalhar fragmentados em grupos menores.

Esse movimento foi muito rico em descobertas, pois partindo do Primeiro Ano do Ensino Fundamental e do código alfanumérico EF01MA19 (Brasil, 2018)<sup>7</sup>, conseguiram ampliar as atividades para os demais anos escolares, considerando o nível de compreensão dos estudantes em cada faixa etária, até chegarem ao Quinto Ano, com a utilização do código EF05MA06 (Brasil, 2018)<sup>8</sup>, respeitando especialmente o que propõe o componente curricular de Matemática para essa etapa da Educação Básica.

Cabe ressaltar que os professores da Oficina 3 não utilizaram materiais disponíveis na Oficina para pensar novas possibilidades de trabalho sobre o assunto. Entretanto, todas as atividades pensadas foram coerentes com as habilidades escolhidas pelos docentes.

Finalizando essa fase da coleta de dados, cada participante da oficina de formação de professores recebeu um livreto dos pesquisadores. O mesmo contém todos os conceitos abordados durante a formação e foi confeccionado com o objetivo de servir como material de consulta sempre que surgirem dúvidas sobre o assunto. Os professores se mostraram agradecidos com o recebimento do material.

No que se refere às oficinas de formação de professores, os profissionais da rede municipal de ensino foram aqueles com maior dificuldade para desenvolver o que foi proposto. No desenvolvimento da proposta com a rede estadual de ensino, apesar de mais tímidos, denotaram já desenvolver atividades associadas ao tema em sala de aula, demonstrando satisfação a partir dessa percepção. Enquanto isso, os professores da rede privada foram aqueles que demonstraram estar mais engajados e interessados na temática, tendo o envolvimento com os materiais e discutindo o assunto de forma mais profunda.

### 4.3 Questionário com os preceptores

A primeira pergunta do questionário, terceira e última etapa da coleta de dados, que se refere ao ano escolar em que o professor atua, confirma que dos oito docentes pesquisados, um trabalha com o Primeiro Ano, três com o Segundo Ano, um com o Terceiro Ano, um com o Quarto Ano e dois com o Quinto Ano.

Em concordância, todos os respondentes do questionário avaliaram a oficina de formação de professores com nota máxima.

Quando solicitados a relatar os aspectos positivos da oficina da qual participaram, os professores destacaram a importância do embasamento teórico apresentado, a presença da interdisciplinaridade, fato desconhecido por boa parte dos pesquisados, visto que relacionavam a Educação Financeira apenas com a Matemática, a linguagem fácil adotada pelos pesquisadores e a possibilidade de trocas sobre estratégias pedagógicas junto com seus pares, promovendo:

maior autonomia profissional de sua capacidade para se formar e gerar mudanças, da possibilidade de que lhes permitam realizar um verdadeiro *colegiado* entre colegas, que lhes permitam ser criativos nos avatares profissionais sem ser censurados e que lhes deixem uma maior participação com todos os que intervêm na educação da infância e da adolescência. (Imbernón, 2009, p.37)

O professor H considerou positivo o fato de “Lembrar da importância de trabalhar sobre isso desde pequenos.”, corroborando com Meneghetti (2014, p.19), quando este afirma que:

Provavelmente, um dos maiores erros é não ensinar as crianças a lidarem com o dinheiro. E o fato de não se falar sobre isso em casa pode fazer com que as crianças tenham uma ideia errada sobre a vida. (...) Desse modo, quanto mais cedo os pais falarem sobre finanças, mais rápido eles entenderão que o dinheiro é o que faz movimentar tudo em casa e que é importante saber administrá-lo bem.

Na pergunta quatro, os participantes da oficina consideraram a mesma completa e não se sentiram carentes de informações sobre o assunto.

Expressaram que o momento de formação sobre Educação Financeira contribuiu de alguma maneira para o desenvolvimento de atividades futuras relacionadas ao assunto em sala de aula, abordagem da pergunta cinco.

A pergunta seguinte, que solicita uma justificativa à contribuição, ou não, da oficina de formação, os professores citaram a retomada da consciência sobre o assunto, já que compreenderam que desenvolvem a Educação Financeira sem perceber, como expresso pelo Professor A na fala “visto que

6 Código alfanumérico do RCG, referente à habilidade: Conhecer as diferentes formas de trocas de mercadorias e a sua evolução até a chegada ao comércio em grande escala.

7 Código alfanumérico da BNCC, referente à habilidade: Reconhecer e relacionar valores de moedas e cédulas do sistema monetário brasileiro para resolver situações simples do cotidiano do estudante.

8 Código alfanumérico da BNCC, referente à habilidade: Associar as representações 10%, 25%, 50%, 75% e 100% respectivamente à décima parte, quarta parte, metade, três quartos e um inteiro, para calcular porcentagens, utilizando estratégias pessoais, cálculo mental e calculadora, em contextos de Educação Financeira, entre outros.

já realizei muitas propostas que abordam o tema de maneira transversal sem me dar conta” e, novamente, demonstraram satisfação com a possibilidade de trocas e reflexões permitidas durante as atividades.

Outro aspecto de relevância manifestado pelos docentes abrange “as várias formas de trabalhar nas aulas” (Professor D), atingindo, de certa forma, um dos objetivos propostos pelos pesquisadores, embasada em Dias & Olgin (2019), de pensar as propostas pedagógicas com base em assuntos relevantes para o aluno.

A última pergunta do questionário, “O que muda em sua prática docente a partir da oficina de formação de professores sobre a Educação Financeira?” apresentou em suas respostas indicativos de como trabalhar o assunto com mais intencionalidade, a possibilidade de um trabalho interdisciplinar envolvendo a Educação Financeira e o planejamento de aulas “Por visualizar de outra forma onde estão contempladas habilidades, assim a gestão do planejamento será melhor realizada” (Professor C).

Os professores também expressaram que a compreensão e a exploração do assunto, bem como o reconhecimento da importância dele contribui para que, futuramente, os sujeitos possam organizar-se, financeiramente, dentro daquilo que se ganha, preparando-os para atuação mais crítica e reflexiva em sociedade.

A partir da aplicação do questionário após a oficina, não foi possível perceber diferenças entre os professores das três redes, visto que todos os participantes relataram a importância das oficinas para se apropriar sobre o assunto e aprimorar suas práticas em sala de aula.

## 5 Conclusão

Sabe-se que a Educação Financeira é importante na vida das pessoas e que, quanto mais cedo crianças e jovens estiverem em contato com a temática, maior serão as chances de se constituírem adultos organizados financeiramente e que consomem de forma consciente diante de suas possibilidades.

Mas, para isso, é importante o professor viver e compreender a Educação Financeira. A presente pesquisa pretendeu verificar os conhecimentos de professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental das redes estadual, municipal e privada de um município do Vale do Paranhana/RS/Brasil sobre a temática da Educação Financeira na BNCC e no RCG.

Concluímos que todos os professores entrevistados têm conhecimento sobre o conceito de Educação Financeira. Em contrapartida, percebemos que nas três redes pesquisadas ainda existem docentes que compreendem o conceito de forma mais superficial, sem reconhecer sua interdisciplinaridade, e isso requer atenção das direções escolares.

Outrossim, a investigação objetivou auxiliar esses professores na compreensão das habilidades referentes à Educação Financeira previstas nos documentos orientadores BNCC e RCG.

Consideramos que abordar as habilidades previstas para

a etapa dos Anos Iniciais se mostrou uma necessidade, visto que não era de conhecimento de todos os pesquisados que a Educação Financeira está presente em outros componentes curriculares além da Matemática, levando muitos à descoberta de que já trabalham o assunto sem terem tal percepção, oportunizando uma prática com mais intencionalidade.

Também foi fundamental refletir concomitantemente com os pesquisados sobre as práticas pedagógicas adotadas no que se refere ao trabalho com a Educação Financeira em turmas de Ensino Fundamental - Anos Iniciais.

Concluímos que além da teoria e de conhecer os objetivos propostos para a Educação Financeira, os métodos utilizados em sala de aula contribuem fortemente para que crianças aprendam construindo significados e levem tais conhecimentos para a vida. Nesse quesito, de certa forma, os docentes se mostraram receptivos a desenvolver propostas voltadas à realidade de seus estudantes, especialmente no bloco de alfabetização. Isso ocorreu quando os professores foram instigados a produzir tarefas de acordo com as habilidades identificadas.

Tais propostas devem partir de análise diagnóstica do professor quanto ao conhecimento prévio dos estudantes sobre o assunto, de pesquisa em sala de aula para compreender a realidade financeira das crianças a fim de partir de situações da vida real da turma, do entendimento da relação das crianças com o uso do dinheiro e gerenciamento de recursos, para assim, selecionar atividades e práticas adequadas para aquela sala de aula, a saber: leituras relativas à Educação Financeira, jogos, tabuleiros, réplicas de dinheiro e simulação de compras com pagamento e troco.

Uma fragilidade percebida pelos pesquisadores encontra-se na reflexão sobre novas estratégias para o trabalho com a Educação Financeira em sala de aula: se nas entrevistas os docentes mencionam o fato de que procuram trabalhar de forma lúdica, no movimento de planejamento pode-se perceber que alguns deles encontram dificuldade em articular as habilidades às atividades em sala de aula.

A problematização envolvendo a discussão de como a formação de professores pode contribuir para o desenvolvimento do trabalho com a Educação Financeira em turmas do Ensino Fundamental - Anos Iniciais das redes estadual, municipal e privada de um município do Vale do Paranhana/RS/Brasil, estava articulada em todas as etapas da pesquisa.

Em uma perspectiva macro, as diferentes redes de ensino podem oportunizar aos profissionais da educação oficinas sobre o assunto, onde, além de conhecer conceitos sobre a temática e o que os documentos norteadores orientam sobre o tema, possam experimentar a Educação Financeira por meio de reflexões e proposições na perspectiva dos Anos Iniciais, bem como, oportunizando a participação em palestras e eventos com nomes da Educação Financeira.

Já do ponto de vista micro, escolas podem promover momentos de formação pedagógica com relatos de

experiências, possibilitando aos professores dessa etapa da Educação Básica trocas sobre suas práticas pedagógicas em sala de aula.

Já do ponto de vista individual, por sabermos da importância da constante atualização do ser professor, os profissionais podem revisar constantemente o que se fala sobre a Educação Financeira por meio de literaturas, sejam elas as que revisitam práticas pedagógicas em sala de aula, sejam elas as que podem ser utilizadas diretamente com os educandos.

Por estar prevista na BNCC e no RCG, a abordagem da Educação Financeira deixa de ser uma escolha, tornando-se direito do aluno construir conhecimentos sobre a mesma. Embora trabalhar o assunto seja uma caminhada, não é interessante que esta aconteça a passos lentos. Nessa perspectiva, podemos concluir que a formação de professores contribui para um aceleração na compreensão do assunto, o que, conseqüentemente, reflete na prática diária em sala de aula.

Assim, esperamos que a partir dos resultados da presente pesquisa, diferentes redes de ensino possam refletir sobre o trabalho com a Educação Financeira nas escolas, projetando a possibilidade de oficinas e cursos de formação de professores como instrumento de capacitação de tais profissionais para o desenvolvimento de um trabalho eficaz sobre a temática em sala de aula.

## Referências

Associação de Educação Financeira do Brasil. (2017). *O Programa*. Recuperado de <https://www.vidaedinheiro.gov.br/es/o-programa/>

Aprender Valor. (2019). *Educação financeira para multiplicar sonhos*. Recuperado de <https://aprendervalor.caedigital.net/#!/pagina-inicial>

Banco Central do Brasil. (2018). *Base para o currículo escolar inclui a Educação Financeira*. Recuperado de <https://www.bcb.gov.br/detalhenoticia/205/noticia>

Brasil. (2018). *Base Nacional Comum Curricular*. Ministério da Educação. Brasília. Recuperado de [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf)

Dias, C.R., & Olgin, C.A. (2019). Educação Financeira na Escola: uma oficina para promover reflexões. In. *Anais da II Conferência Nacional de Educação Matemática*, Taquara, RS. Recuperado de <https://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/6%20OF.pdf>

Estratégia Nacional de Educação Financeira (2017a). *1º Mapeamento Nacional das Iniciativas de Educação Financeira*. Recuperado de [https://www.vidaedinheiro.gov.br/wp-content/uploads/2017/04/RelatorioEstatistico\\_ENEF.pdf](https://www.vidaedinheiro.gov.br/wp-content/uploads/2017/04/RelatorioEstatistico_ENEF.pdf)

Estratégia Nacional de Educação Financeira (2017b). *Orientação para Educação Financeira nas escolas*. Recuperado de <https://www.vidaedinheiro.gov.br/wp-content/uploads/2017/08/DOCUMENTO-ENEF-Orientacoes-para-Educ-Financeiras-Escolas.pdf>

Fazenda, I.C.A. (2015). *Interdisciplinaridade: didática e prática*

de ensino. *Revista Interdisciplinaridade*. (6), 9-17.

Ferreira, M.B. (2008). *Mini Aurélio dicionário da Língua Portuguesa*. Curitiba: Positivo.

Freire, P. (1996). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.

Gil, A.C. (2009). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Atlas.

Imbernón, F. (2009). *Formação Permanente do Professorado: novas tendências*. São Paulo: Cortez.

Leffler, R., Souza, C.V.F., & Souza, M.A.V.F. (2021). Educação financeira e o desenvolvimento sustentável: uma revisão sistemática de literatura. *JIEEM*, 14 (4), pp. 502-513. <https://doi.org/10.17921/2176-5634.2021v14n4p502-513>

Meneghetti, A., Neto. (2014). O dinheiro nas nossas vidas. In: Meneghetti, A., Neto, Falcetta, F. P., Rassier, L. H., & Marchionatti, W. (Org.), *Educação Financeira* (pp. 11-30). Porto Alegre, RS: EDIPUCRS.

Minayo, M.C.S. (2016). O desafio da pesquisa social. In. M.C. Minayo. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes.

Pelissari, D., & Andreis, G.S.L. (2019). Reforço de Matemática por meio de Oficinas: uma experiência com a comunidade. *Revista UFG*, 19. <https://doi.org/10.5216/revufg.v19i0.57010>

*Resolução CNE/CP Nº 2, de 20 de dezembro de 2019*. (2019). Regula a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica. Recuperado de <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2019-pdf/135951-rcp002-19/file>

Rio Grande do Sul. (2018a). *Referencial Curricular Gaúcho de Ciências da Natureza*. Porto Alegre: Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul.

Rio Grande do Sul. (2018b). *Referencial Curricular Gaúcho de Ciências Humanas*. Porto Alegre: Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul.

Rio Grande do Sul. (2018c). *Referencial Curricular Gaúcho de Linguagens*. Porto Alegre: Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul.

Rio Grande do Sul (2018d). *Referencial Curricular Gaúcho de Matemática*. Porto Alegre: Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul.

Schein, Z.P. (2004). *Estudo didático de um experimento centrado em atividades de produção e aplicação de um objeto técnico: a balança analítica* (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

Schein, Z.P. (2017). *Educação financeira escolar: teoria e prática*. Oficina apresentada na I Conferência Nacional de Educação Matemática, II Encontro Nacional do Pibid/Residência Pedagógica/Matemática - FACCAT e VI Jornada Pedagógica de Matemática do Vale do Paranhana – JOPEMAT. Recuperado de <https://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/3%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20FINANCEIRA.pdf>

Schein, Z.P., & Bento, J.P.P. (2024). A educação financeira e o planejamento financeiro na visão de jovens de 17 e 18 anos de idade. *Redin*, 13 (2), pp. 160-179.

Tardif, M. (2014). *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes.

Thiollent, M. (1992). *Metodologia da pesquisa ação*. São Paulo: Cortez.